CRISE SUCROALCOOLEIRA

OS EFEITOS DA REDUÇÃO DA MISTURA DE ETANOL NA GASOLINA

PLINIO M. NASTARI
Presidente da Datagro

TEM SIDO ampla a cobertura dos impactos da desastrada política de preços de combustíveis sobre os demonstrativos financeiros da Petrobras. No entanto, pouco tem se falado sobre o impacto causado ao setor de açúcar e etanol, do qual o Brasil é o principal protagonista, respondendo por 35,3% da cana produzida e 45,6% da exportação de açúcar no mundo. No mercado de etanol, pela falta de uma política de longo prazo para o setor, o Brasil foi de longe superado pelos Estados Unidos com sua produção de etanol de milho, reconhecidamente menos eficiente tanto do ponto de vista energético, quanto ambiental. Na safra 2014/15, o Brasil gerou 28,4 bilhões de litros de etanol, enquanto os EUA produziram 54,2 bilhões de litros. Na exportação, o Brasil respondeu por apenas 19,5% do mercado mundial, enquanto os EUA responderam por 45,2%.

Os principais equívocos do Governo estão não só relacionados à política de preços subsidiados à gasolina entre 2010 e 2014, mas também à redução gradual da CIDE, imposto específico sobre a gasolina, a partir de 2008 e à sua eliminação total em 2012. Mais ainda, o setor sofre, até hoje, as consequências da injustificada redução do teor de mistura de etanol anidro na gasolina, no período de dezenove meses compreendido entre outubro de 2011 e abril de 2013.

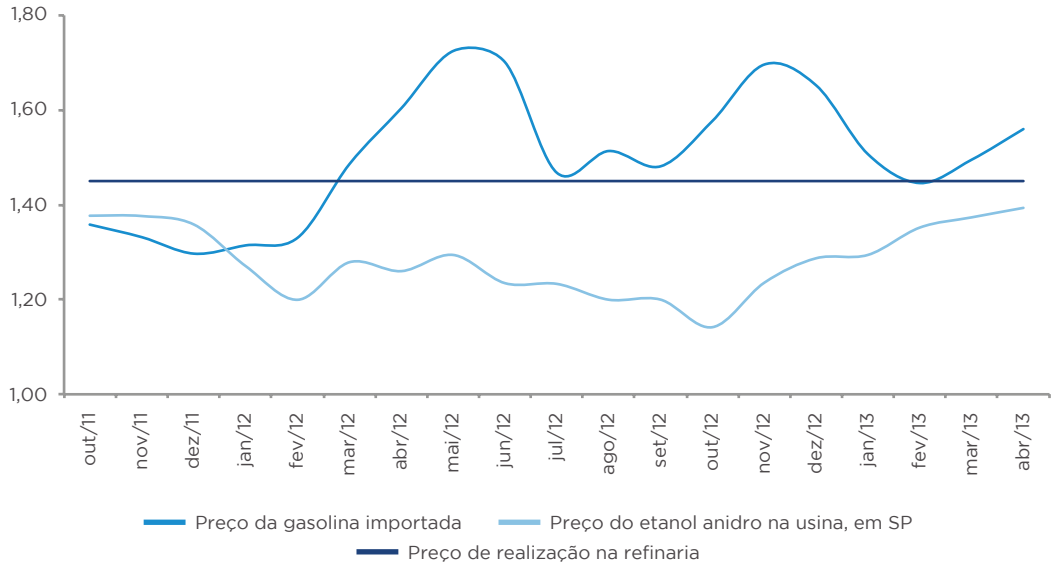
Essa decisão de reduzir o teor da mistura de etanol anidro na gasolina, de 25% para 20%, foi adotada sem que houvesse qualquer justificativa econômica ou relacionada ao abastecimento de combustível e trouxe graves prejuízos à Petrobras, ao setor de açúcar e etanol e à balança comercial brasileira. Os produtores de etanol deram, à época, todas as garantias de que o mercado seria abastecido normalmente, pelos estoques existentes e pela aquisição que já havia sido contratada de alguns volumes de etanol importado a baixos preços, aproveitando o excesso de produção de etanol dos EUA naquele ano. A decisão forçou a Petrobras a importar volumes adicionais de gasolina a preços maiores do que os praticados no mercado interno. Os produtores deixaram de vender etanol e produziram mais açúcar, fazendo com que o preço da *commodity* caísse. A balança comercial perdeu com a importação desnecessária de gasolina e preços mais pressionados na exportação de açúcar. Foi uma medida "perde-perde-perde."

Dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) indicam que, entre outubro de 2011 e abril de 2013, período em que vigorou o nível de mistura reduzido de 20%, o consumo de gasolina C (gasolina mais etanol anidro) foi de 62,44 bilhões de litros. O consumo de etanol anidro, neste período, foi de 12,49 bilhões de litros. Caso tivesse sido mantido o nível de mistura de 25%, o consumo de anidro teria sido de 15,61 bilhões de litros, isto é, 3,12 bilhões de litros maior do que o efetivamente registrado.

Nos seis meses anteriores à implementação da medida, entre abril e setembro de 2011, a im-

PREÇOS DE GASOLINA IMPORTADA, NAS REFINARIAS E DE ETANOL ANIDRO, ENTRE OUTUBRO DE 2011 E ABRIL DE 2013

R$/LITRO



Fonte: SECEX; BACEN; ANP; Cepea

portação de gasolina foi de 838,06 milhões de litros, com uma média mensal de 139,68 milhões de litros. A partir de outubro de 2011 e até abril de 2013, o volume importado de gasolina saltou para 7,02 bilhões de litros, ou seja, um aumento de 229,70 milhões de litros mensais. A importação ocorreu a preços médios de R$ 1,5018 por litro, acima do preço de realização da gasolina nas refinarias e muito acima do preço médio do etanol anidro vendido no mercado interno, de R$ 1,2821 por litro.

E o que foi feito com o etanol anidro não produzido e não consumido? Mais açúcar. Na safra 2012/13, foi atingido o recorde histórico até hoje de produção de açúcar, com 38,2 milhões de toneladas, volume que quase se repetiu na safra seguinte, 2013/14, com 37,6 milhões de toneladas. Desde então, o volume produzido de açúcar recuou para 35,4 milhões de toneladas, em 2014/15. A estimativa de produção para a safra que se inicia agora, 2015/16, é de 35,7 milhões de toneladas.

O volume de anidro que se deixou de produzir e consumir no mercado doméstico foi de 3,12 milhões de metros cúbicos. Este volume correspondeu a 5,22 milhões de toneladas de açúcar bruto a granel adicionais que o País colocou no mercado internacional, um dos fatores que tem levado ao excedente mundial, causando a deterioração de seu preço.

O retorno parcial da CIDE a partir de fevereiro de 2015 e a elevação da mistura de anidro na gasolina para 27% a partir de 16 de março são medidas que recuperam em parte o que foi perdido. A retomada da competitividade e do consumo de etanol frente à gasolina são os elementos que devem guiar a recuperação desse setor, tão gravemente afetado pelas políticas desastradas implementadas a partir de 2010. ■